

Endovélico: caracterização social da romanidade dos cultuantes e do seu santuário (São Miguel da Mota, Terena, Alandroal)

Maria Manuela Alves Dias* e Luís Coelho**

Resumo

Neste artigo os autores procuram aclarar, a partir das referências que nos chegaram nas dezenas de lápides e estátuas que documentam o culto prestado a este deus, a inserção social dos seus cultuantes. A análise dos gentilícios aponta para uma maioria de portadores de gentilícios romanos (como já tinha sido suspeitado), mas para além disso foi possível determinar que no leque de cultuantes são também reconhecíveis os dependentes das principais famílias provinciais da Bética ocidental e do sul da Lusitânia, os quais protagonizaram, a extensão na Hispânia, das estratégias económicas dalgumas das principais famílias de Roma, importantes pelo seu poder político e riqueza. Sugerem-no as relações com os *Annii* e os *Acilii Glabriones*. Esta caracterização social ajuda a compreender melhor a posição religiosa que este santuário desempenhou a partir do séc. II d.C, e também a apropriação política de que ele foi alvo por parte dos grupos dirigentes a que não são certamente estranhos a posição geográfica do santuário, os fluxos migratórios que percorriam a via da Prata, e a construção do 'grande' latifúndio do Baixo Império.

Abstract

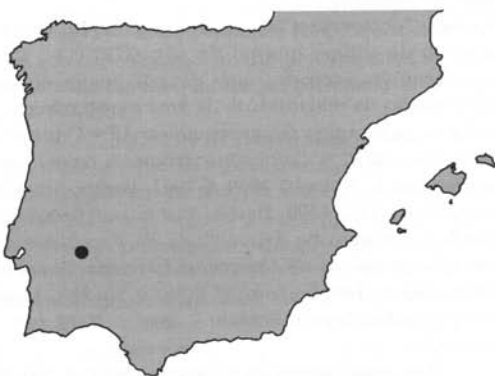
The sanctuary of Endovellicus (a pre-roman god) at S. Miguel da Mota, Terena, Alandroal, provided a great amount of roman inscriptions as well as statues. We can see there some statues of togati, military men and common people as well as some portraits of the God itself. Since the eighteenth century the place was used as a source of construction material, and even before, about forty columns were

* Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve. Res. part. Av de Madrid, 24, 2.º, 1000 Lisboa.

** C. nac. (Ministério da Justiça). Res. part. Av de Madrid, 24, 2.º, 1000 Lisboa.

taken from there to the cloister of the renascence building at the ancient University of Évora – That proves the greatness and importance of the sanctuary that is, according to the name of the god, a pre-roman sacred place. From the study of the roman epigraphs, the AA. could detect that, during the second half of the second century, the God was praised by the rich dependants of some senatorial families such as the Annii and Acilii Glabriones dependants. More than one should expect, the sanctuary reflects, in the late second century, the necessity of the great provincial families to control the descendents of the indigenous people of Lusitania through the cult of their most important local God.

É evidente que, socialmente, o cerne, o coração de qualquer religião se encontra na vivência íntima, subjectiva, individual, dos seus fieis (Brown, 1978, p. 9)¹. Mas como falar de uma religião antiga da qual não temos vestígios de experiência individual íntima? Quando não temos mitografia e também nada sabemos sobre os problemas, as angústias dos crentes? Quando apenas nos restam vestígios que documentam que os votos feitos à divindade foram cumpridos, que o profundo desejo do crente foi atendido, ficamos ainda sem saber a natureza da causalidade da fé, a relação religiosa profunda – tanto pode tratar-se da expressão pública de formas ideológico-culturais de uma dada região como de um simples agradecimento a uma divindade salutífera ou, apenas, a uma grande divindade ordenadora da Vida, ou outra, ainda de natureza não captável através da documentação que subsistiu.



¹ A este propósito, P. Brown procurou explicar (e contornar) a questão, historicizando-a culturalmente assim: "Modern scholars are in varying degrees the heirs of the Romantic movement of northern Europe. They have tended to emphasize the subjective religious experience as the stuff of religious history. The labels they have envolved fit ill on the massive realism of the ancient, Mediterranean, view of religion", como se vê, P. Brown coloca, assim, na sua "leitura" cultural da

Endovélico, cujo santuário em S. Miguel de Mota (Terena, Alandroal, distrito de Évora) foi talvez aquele que, na *Hispania*, mais vestígios epigráficos e mais material escultórico² nos deixou, tendo até “sobrevivido” na sua posterior cristianização, é exactamente uma divindade que, apesar da abundantíssima documentação, se encontra num caso assim, um caso em que se desconhece a natureza profunda da fé.

A forma do nome do deus é linguisticamente não latina, apontando para o estrato teonímico indígena e, assim, pré-romano; este é um ponto em que todos os autores são unânimes. Mas, se atentarmos na onomástica pessoal dos cultuantes, deparamo-nos com uma maioria de nomes romanos, alguns mesmo que referem tribo, apercebendo-nos, assim, que a situação deles, e talvez também o seu estatuto, poderá ser considerado, socio-economicamente, médio-alto, pelo menos suficientemente alto para ter possibilitado ao santuário receber oferendas em prata e frequentes dádivas de estátuas; se bem que já tenha sido notado que a maioria das esculturas evidenciam pouca preocupação estética e que o recurso a técnicas de representação esquematizantes seriam indício de uma preocupação “mais funcional do que artística” (Matos, 1995, p. 22-23), existem ainda bastantes esculturas de boa qualidade artística e, inquestionavelmente, de alto preço³.

O problema da área geográfica de influência deste culto foi pela primeira vez levantado em 1890 (Vasconcellos, 1938, p. 202), sendo retomado, mais tarde, por outro grande epigrafista (Lambrino, 1951, p. 93-146). Tanto um autor como outro admitem que as variantes da forma do nome do deus – *Endovellicus*, *Endovollicus*, *Enobolicus* e *Indovellicus* (IRCP, p. 804) – se devem a uma larga área de influência do culto, área onde caberiam as diferenças dialectais que seriam as responsáveis por esta diversidade de formas, tanto mais

ideologia “democrática” do final do séc. XVIII, transposta para a literatura histórica do positivismo europeu do último quartel do séc. XIX, (i.e., de E. Gibbon a E. Renan), a causa quer das compreensões ordenadas, quer das não compreensões, por parte dos *scholars* contemporâneos, na interpretação da religiosidade da área mediterrânica, na Antiguidade. As abreviaturas bibliográficas utilizadas neste artigo são as seguintes: *AE* = *L'Année Épigraphique* 1988, Paris. Presses Universitaires de France. *CIL II* = *Corpus Inscriptionum Latinarum II et Supplementum. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. (ed. E. Hübner) 1869 & 1902, Berlin: Academia litterarum regia Borussica. *EE* = *Ephemeris Epigraphica VIII*, 1899, Berlin. Institutii archaeologici Romani. *FE* = *Ficheiro Epigráfico*, 1982, Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. *IRCP* = Encarnação, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. *JRS* = *The Journal of Roman Studies*, London. Society of the Roman Studies. *PIR* = *Prosopographia Imperii Romani – saec. I. II. III.* (ed. E. Groag; A. Stein), 1898, Berolini et Lipsiae: De Gruyter.

² Para a documentação epigráfica, *IRCP*, p. 561-629, e 802-805, Maciel; Maciel (1985, *FE*, 64), e retomado pelos mesmos (1986, p. 9-18), e ainda Gimeno; Vargas, (1992, *FE*, 188); Para a documentação escultórica ver Matos (1995, p. 22-23, 122-123, 134-173). Para o santuário cf. desde J. Leite de Vasconcellos (1905, p. 111-145) até ao recente artigo A. C. Silva (1996, p. 387-389).

³ Como indicadores para os custos das estátuas cf., *v.g.*, Duncan-Jones (1974, p. 78-79 em África, p. 94-99, na Itália e p. 126-127, na Hispânia). Para os custos da munificência arquitectónica e escultórica, cf. Duncan-Jones (1974a, p. 79-85), e Mangas (1971, p. 105-146). Temos ainda, outras informações nos livros Curchin (1990, p. 103-114), Sánchez de León (1978, *passim*), e ainda Blázquez (1978, *passim*).

que eles, José Leite de Vasconcellos e Scarlat Lambrino, admitiram também que algumas das inscrições, onde essas variantes se notam, foram trazidas pelos cultuantes dos seus lugares de origem; assim, dominariam nelas os diversos falares que introduziam variantes ortográficas, traduzindo as variantes de articulação regionais, do nome do deus. A forma mais comum seria *Endovellicus*; esta ideia foi formulada com bastante clareza e adequação (Lambrino, 1951, p. 108)⁴.

A estrutura do nome *Endovellicus* é a de um polissílabo que apresenta dois núcleos constitutivos, o de nasal + oclusiva dental justaposto a uma forma adjectival, provavelmente iniciada por, pelo menos, três tempos vocálicos. O primeiro núcleo apresenta um dos grupos morfemáticos mais fortes das línguas indo-europeias *-nt/-nd-*, como expressão de um prefixo intensivo (talvez com o sentido de origem, “vindo de”), comparável com o gaulês *ande* – e com o bretão e o galês *at-*⁵, justaposto a *-vael-* seguido do determinativo *-icus*, sufixo quase preferencial nas referências etnónicas e teonómicas da *Lusitania*⁶. Pode dizer-se que este teónimo polissilábico, consonantizou-se fonologicamente talvez cedo, donde a forma “betacizada” *Enobolicus* e a assimilação vocálica. E é tentador aproximá-lo do antropónimo *Vellicus*⁷ que também aparece como teónimo, *Velicus* / *Vaelicus*, em Candeleda, junto a Ávila⁸, teónimo que pode até estar contido no próprio nome desta cidade fronteiriça da Tarraconense com a Lusitânia. O facto de se ter como dedicante, na inscrição *CIL* II, 5202, um *Antubellicus*, cuja estrutura consonântica é rigorosamente a mesma da do teónimo, trouxe para a discussão deste problema os exemplos da onomástica pessoal de um peninsular célebre, conservados nos textos clássicos, *Andóbalos*,

⁴ Quando diz: “Dans la région même et dans les contrées voisines, avait du s'établir une forme courante du nom: *Endovellicus*, mais les offrandes qui venaient de cités lointaines, où l'on parlait des dialectes divers ou même d'autres langues, présentaient des variantes que nous avons pu constater. Les deux arguments, nombre de monuments et variantes du nom, s'appuient réciproquement et nous confirment dans l'idée que le prestige du dieu et son culte dépassaient très probablement les limites mêmes de la Lusitanie”. A classificação linguística mais rigorosa, ainda que preliminar do teónimo, foi publicada em 1950, Tovar; Navascués (1950, p. 178-191).

⁵ Cf., *v.g.*, P.-Y. Lambert (1994, p. 31-32, 97, 153-255, 187); J. Stephens (1993 p. 389), e T. Arwyn Watkins (1993, p. 13 e 329) – o gaulês *ande-* e o bretão e galês *ate-* equivalem ao prefixo céltico antigo *endo-*, o próprio prefixo *at-* no irlandês antigo terá um valor aproximado como ensinava Pokorny (1952) – Porém temos reservas quanto a sugestões deste tipo, porque elas se encontravam, então, ideologicamente muito datadas no pensamento paleoetnológico da primeira metade do séc. XX, cf., *v.g.*, Bosch-Gimpera (1934, p. 44-66); para o latim, cf., *v.g.*, Romanelli (1963, p. 337-342, 362-372 e 419-430). Para a distribuição do grupo sequencial *-nt-* na etnotoponímica da Itália antiga cf. V. Valeri (1993, fig. 6).

⁶ O nome do deus aparece geralmente por extenso nas inscrições, e apenas temos três menções abreviadas no nome teónimo: numa aparece – *End(ovellico) sacr(um)* (*IRCP*, 515), noutra inscrição aparece abreviado *Endo(vellico)* (hedera) *D(eo) ?*, (*IRCP*, 555), e, numa outra é uma abreviatura por sigla *D(eo) E(ndovellico) s(acrum)*, (*IRCP*, 550).

⁷ Este antropónimo aparece em Mértola (*IRCP*, 115), numa inscrição sobre uma *cupa*, datada do séc. III; *D(is) M(anibus) s(acrum) / Tullio Dona / to Faus<t>ino filio / vixit ann(is) XVI / Tullius Vellicus et / Porcia Matern(a) filio / pientissimo [p]osuerunt / b(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*.

⁸ Cf. Rodriguez (1981, p. 157-165), e Blázquez (1975, p. 93-95, 1977, p. 228, 368 e 426, e ainda 1983, *passim*).

(POLIB., X, 18, 7), *Indibeles* (DIOD., XXVI, 22), *Indebilis e Indibilis* (T. LIV., XXII, 21, 2; XXVI 49) e *Indibolis* (CASS. DIO, LVII, 43). Ora parece que *Andobâles* e *Indibilis* é a mesma palavra que *Atabels* ou *Ada-bels* que aparece nas moedas de Ampúrias (Blásquez, 1975, p. 94); porém como não será de esperar que seja um teónimo, mas sim um antropónimo, o nome que figura nas moedas, chegou a pôr-se a questão de se tratar duma *interpretatio* de uma forma onomástica ibérica do nordeste peninsular.

A teonimização de um antropónimo pode levar-nos à admissibilidade de um fenómeno de religioso de “heroização”.

De facto, estes estreitos parentescos entre um teónimo e um antropónimo levantam sempre a questão de que, sendo extremamente fácil aceitar a antroponímia teófora, raramente se coloca o caso de considerar uma teonímia de raiz na onomástica pessoal, excepto quando se pode abrir a possibilidade de uma “heroização”, isto é, de uma mitografia, ou parte dela, que recobre um facto real ou fictício, ou até, apenas, o desejo colectivo de um facto que não o foi. O nome *Antubellicus* só se regista no santuário de *Endovellicus*, mas a forma *Antubelus / -ius*, aparece, por duas vezes, na província espanhola de Cáceres (Lapesa, 1957, p. 35), bem dentro da área de atracção do santuário, como adiante veremos.

Sem dúvida que a fama deste centro de culto foi grande. O número de inscrições e a variedade onomástica dos dedicantes fazem disso prova, mas a observação dos diversos suportes das inscrições, onde as variantes do nome do deus se documentam, apontam para a quase exclusiva utilização do mármore de Extremoz / Vila Viçosa⁹, de preferência branco, além de algumas outras peças de mármore de Trigaches e mármore de Pardais, mármore todos eles provenientes dos arredores do santuário, o que elimina à partida a hipótese levantada por J. L. de Vasconcellos de que as diversas ofertas eram provenientes dos mesmos lugares longínquos de onde provinham os seus ofertantes. O que sabemos hoje do funcionamento das oficinas epigráficas (Susini, 1973, p. 14 e ss.) e a análise dos mármore utilizados sugere não só a existência de, pelo menos, uma oficina local¹⁰, mas, talvez, também a exclusividade de uma produção local que utilizou sempre mármore regionais, e que seria responsável pela “má qualidade geral dos monumentos e da epigrafia” (IRCP, p. 804). Nessa oficina, o *ordinator* podia ter sido um latinizado que não tinha conhecimento do substrato linguístico pré-romano a que pertence o nome original do deus, e que aceitava, sem correcções, os textos que lhe eram submetidos pelos devotos.

Avaliemos se é possível determinar a área de atracção dos cultuantes pela presença e determinação nas regiões limítrofes dos seus próprios gentílicos (e das suas associações familiares).

⁹ A classificação dos mármore do conjunto das inscrições deste santuário foi, pela primeira vez, feita em IRCP, p. 561-629; a classificação dos mármore das esculturas deste santuário é ainda provisória.

¹⁰ A existência de uma oficina local foi também já admitida por quantos estudaram este santuário, porque entre as peças dele provenientes se encontra uma dedicatória de um *ser(vus) marmorarius* (IRCP, 497) e apesar do *marmorarius* ser um cortador de mármore nas pedreiras, e não um lapicida, as características de grande parte do material epigráfico implicam a existência de oficinas locais; no entanto esta constatação não exclui a hipótese de J. Leite de Vasconcellos, retomada por S. Lambrino.

Acilius /-a – é gentílico relativamente bem representado na Hispania, onde se conhecem cinquenta ocorrências (Abascal, 1994, p. 63-64). Em Évora este gentílico vai aparecer, já no séc. III, associado a um ramo senatorial dos *Canidii* e *Catinii*, na forma cognominal do nome de *Catinia Aciliana* (IRCP, 381 e comentários em 375). Neste santuário aparece referido uma única vez, associado ao nome de um escravo com funções administrativas, na seguinte inscrição:

[...] [*Corinthus*?] / *ser(vii)* [...] *Acili* / *Glabrionis* / *adiut(or) tabula(rii) e[*x*] p(ondo) /⁵ *auri*[*I*?]*I a(nimo) l(ibens) v(otum) s(oluit)* – (IRCP, 648).*

Aelius /-a – é gentílico bastante bem representado por toda a Hispania (Abascal, 1994, p. 64-67)¹¹, com alguns notáveis na *Baetica*, onde, em Itália, se fixaram os antepassados do imperador Adriano, está pouco presente no *Conventus Pacensis*, onde se registam apenas cinco ocorrências (IRCP, 134 e p. 198). Neste santuário aparece uma única vez a forma cognominal derivada deste gentílico no nome de *Iunia Eliana* (sic), filha de *Elvia* (sic) *Ybas*, o que o associa, aqui, aos gentilícios *Aelius* e *Helvius*.

Deo Endovellico sac(rum) / Iunia Eliana voto suscepto / Elvia Ybas mater filie / sue votum susceptum /⁵ animo libens posuit – (IRCP, 514).

Albius /-a – é gentílico que apenas se regista na Hispania (Abascal, 1994, p. 74) no território do sector sudeste do *Conventus Pacensis*, onde só *C(aius) Albius C. f(ilius) Gal(eria) Albicus* menciona no seu nome a tribo *Galeria*, tribo em que se inscreviam os cidadãos de Beja, cidade próxima do local onde se encontrou esta inscrição (IRCP, 82 e 297)¹². Este gentílico regista-se uma única vez neste santuário, mas a forma cognominal *Albilla*, muito provavelmente dele derivada, volta a aparecer no santuário associada ao gentílico *Petronius*.

Endovellico / Albia / Ianuaria / [...] – (IRCP, 483);

Deo Indo / vellico / votum Petroni/a Albilla se / [...] – (IRCP, 520).

Annius /-a – é gentílico muito vulgar na Hispania, tendo maior representação no sul da península, nomeadamente na *Baetica* (Abascal, 1994, p. 76-78), para onde se pensa que tenham imigrado em época republicana. Na *Lusitania*, *Caesarobriga* (Talavera de la Reina) é o local onde este gentílico está socialmente melhor colocado, pois regista-se aí o nome do duúnviro *L. Annius Placidus*, inscrito na tribo *Quirina* (o que indicia uma família de elites locais de promoção flávia), casado com uma *Domitia Attia*¹³. *Annius* /-a aparece por três vezes neste santuário; associado indirectamente ao gentílico *Marius* através do *cognomen* de *Annia Mariana*, e, talvez também, mas mais longinquamente, aos

¹¹ Assinala 184 referências deste gentílico; mais detalhadamente sobre este gentílico na *Baetica* cf. Caamaño Gesto (1972, 133 e ss.).

¹² Cf. Abascal (1994, p. 74) e IRCP, 82 – *D(is) M(anibus) s(acrum) / Albia Nereis / ann(orum) LX / b(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, de Tavira; e 297 – *C(aius) Albius / C. f(ilius) Gal(eria tribu) Albicus / [...]*, de Neves, Beja.

¹³ Onde se lê: *D(is) M(anibus) s(acrum) / L(ucio) Annio Placi/do Quir(ina tribu) Caesa / / robrig(ensis) an(norum) XL / 5 aedil(is) quaesto / ri Ilviro ter / Domitia Attia / marito optimo / fecit* (CIL II, 896).

Pompeii; das duas outras vezes, sem qualquer ligação a outros gentílicos, no caso do nome de três indivíduos, dois deles com o mesmo *praenomen*, *T(itus)*:

Deo Sancto / Endovellico / Ann(ia) Q(uinti) f(ilia) Mariana / pro Pompeia Prisca /⁵ ex responsu (sic) / a(nimo) l(ibens) p(osuit) – (IRCP, 484);

Deo Endovellico / sacrum / T(itus) Annius Aper / Animo libens votum posuit – (IRCP, 485);

Endovellico / sacrum pos(uit) / T(itus) Annius / us[...]r[...] patru[...] /⁵ [...] – (FE, 64).

Antonius /-a – é gentílico muito frequente na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 79-82), e pouco vulgar na *Baetica*. Além da inscrição de *Antonia Manliola* deste santuário, regista-se mais duas vezes no *Conventus Pacensis*¹⁴; ainda na *Lusitania*, mas mais longe do santuário, está registado entre as elites locais de Lisboa.

Endovellico / sacrum / Antonia L(ucii) f(ilia) / Manliola / e(x) v(oto) / signum argenteum [d(ono) d(edit) ?] – (IRCP, 486).

Arrius /-a – é gentílico registado na *Hispania* onde aparece 22 vezes (Abascal, 1994, p. 84-85). Na *villa* romana de Silveirona (Estremoz), próximo do santuário, é referida a ligação dos gentílicos *Arrius* e *Quintillius*, associação gentílica que se repete em Lisboa¹⁵, onde as ligações dos *Arrii* se estendem aos *Valerii* e *Cassii*. A representação senatorial hispânica deste gentílico está na *Baetica*, na província de Sevilha¹⁶.

D(eo) Endovellico sa[cr(um)] / ad relicticium [?] ex / i(ussu) numin(is) Arrius Ba / diolus a(nimo) l(ibens) f(ecit) – (IRCP, 488).

Badius /-a – é gentílico raro na *Hispania* onde apenas se registam quatro ocorrências (Abascal, 1994, p. 93). Neste santuário aparece, como se acaba de ver, sob a forma cognominal diminutiva de *Badiolus*; com uso cognominal, está também presente numa inscrição de Beja em associação com *Trebicius /-a*, um

¹⁴ IRCP, p. 545 (IRCP, 331 – *D(is) M(anibus) s(acrum) / M(ummia) L(ucii) filia Cu/pita ann(orum) XXXXIII / Q(uintus) L(icinius) N(iger) ?) marite et /⁵ Antonia Fundana / et Mul(m)ia Rufina / filias [sic] matri pi/issime posue/runt /10 b(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) de Ferreira do Alentejo, Évora, e 464 – *D(is) M(anibus) s(acrum) / Minatia Fau/stina an(norum) XXXX / b(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) /⁵ Antonius Ro/mulus mari/tae pientissi/mae f(aciendum) c(uravit) de Ana Loura, Estremoz.**

¹⁵ IRCP, 470 – *D(is) M(anibus) s(acrum) / L(ucius) Valerius / Maximus ann(orum) / LXXX b(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) /⁵ Arria Quintilla / uxor et Avita / f(ilia) f(aciendum) c(uraverunt); em Lisboa, onde se regista uma *Arria Q. f. Quintillia*?, casada possivelmente com um *Lucretius*, e uma *Arria Avita* mãe de um *Q. Cassius Arrianus*, ver em Vieira da Silva (1944, p. 215-216 e 222).*

¹⁶ Cf. entre outras referências, em Utrera, M. *Cutius M. f. Gal Priscus Messius Rusticus Aemilius Papius Arrius Proculus Iulius Celsus (CIL II, 1283).*

derivado de outro gentílico raro na Hispania, *Trebius*, -a; em Tavira, aparece com utilização cognominal no nome do ervegeta *G. Licinius Badius*, numa inscrição datável de finais do séc. II a inícios do III, e, em Évora, aparece, ainda no séc. II e em posição cognominal, numa associação com os gentílicos *Allius* e *Vivenius*, este último também representado neste santuário mas muito raro na Hispania¹⁷

Calpurnius /-a – é gentílico bem documentado na Hispania onde se registam 133 referências (Abascal, 1994, p. 104-106). Em Évora, temos este gentílico no nome de *Calpurnia Sabina*, mulher de *Iulius Maximus*, pertencentes a uma família senatorial de Évora¹⁸. Neste santuário o gentílico regista-se três vezes.

Endovel/lico / *L(ucius) Calpurnius* / *Andronicus* / *a(nimo) l(ibens) p(osuit)* – (IRCP, 490);

[*Endovelli/co? sa*]crum / [...? C]alpurnius / *Dobetianus* – (IRCP, 491);

[*Endov*]ellico / [*Calp?*]/[*us*] [...] – (IRCP, 543).

Cassius /-a – é gentílico bem documentado na Hispania, com 77 referências (Abascal, 1994, p. 108-109), e tem, na Lusitania ocidental, a sua maior concentração na região de Lisboa, onde os *Cassii* desempenharam cargos municipais; em Évora um portador deste gentílico está ligado a uma associação religiosa / funerária, os *Nemesiaci*. É no entanto na Baetica que encontramos *Cassii* de maior importância social, como acontece, por exemplo em Córdova¹⁹; em Cáceres el Viejo os *Cassii* ligam-se a grupos senatoriais que se estendem ao território de Lisboa²⁰. Neste santuário o gentílico aparece uma vez apenas, num longo texto, muito truncado, que refere também uma *cohors h[ispana?]*.

[...]o *Cassi Num[ero]* [...] / [...]c *chorte h[ispana ?]* [...] / [...]u *Cume*[...] / [...]o \Fa[...] – (IRCP, 482, fragmento c).

Cocceius /-a – é gentílico pouco documentado na Hispania com apenas 18 referências (Abascal, 1994, p. 114). Na Lusitania, o testemunho mais próximo do

¹⁷ Na Lusitânia do sul está documentado nas seguintes inscrições: IRCP, 317, de Beja – *Trebia B/adia an/norum* / *LXV* / 5 *b(ic) s(ita) / e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*; 77 de Tavira – *G(aius) Licinius Badius / podium circi p(edes) c(entum) / sua impensa d(ono) d(edit)*; 408 de Évora – *D(is) M(anibus) s(acrum) / Vivennia / Badia ann(or)um* / *LXXX Allia* / 5 *Nymphe fi/lia matri / pientissi/mae f(aciendum) c(uravit) b(ic) s(ita) / e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*.

¹⁸ IRCP, 382, com comentários; cf. tb. IRCP, 381 para uma outra referência em Évora a famílias do grupo senatorial (onde se associam os gentílicos *Canidius*, *Catinius* e indirectamente *Acilius*, na forma cognominal do nome de *Catinia Aciliana*), cf. S. Lambrino (1961, p. 225-231) e R. Étienne (1982, p. 525-526).

¹⁹ Onde se refere *M. Cassius M. f. Agrippa* que foi *procurator Augusti* (CIL II, 2212).

²⁰ De uma família de Cáceres el Viejo, próximo de Norba, temos a forma cognominal do gentílico no nome de *Julia Decimi filiae Cassiana, clarissima femina*, que faleceu em Lisboa, e se diz Castrense cf. Étienne (1982, p. 526-527). Sobre a antiga implantação de Cáceres cf. Ulbert (1984 *passim*).

santuário regista-se em Beja²¹ e em Casas de Reina (Badajoz), aqui em associação com um *Numisius*²². Em Cáceres aparece associado ao gentilício *Trebius*²³. Também já se levantou a hipótese deste devoto de Endovélico estar relacionado com o senador *Cocceius Honorinus* que foi proconsul da província de África entre 161 e 163 (PIR², C – 1218)

Deo Endovel / lico praestan / tissimi et praesen / tissimi numinis / Sextus Cocceius / Craterus Honori/ nus eques roma/ nus ex voto – (IRCP, 492).

Critonius /-a ou *Cretonius* /-a – é gentilício muito pouco documentado no Império, embora tenha sido usado por senadores no fim da época republicana (Schulze, 1904, p. 79 e n. 5). Na *Hispania* aparece só uma vez, exactamente na inscrição deste santuário, mas a forma *Cretonia* está referida numa inscrição de Badajoz, no nome de um indivíduo natural de *Pax Iulia*²⁴ (Abascal, 1994, p. 125). Como a inscrição deste santuário desapareceu, não é possível determinar se se trata de um erro de transcrição ou uma falha de gravação do lapicida, mas pode muito bem ser que a inscrição de Mérida seja do mesmo indivíduo, e teríamos assim um único gentilício.

Endovelico / Critonia / Maxuma / ex voto pro / Critonia C(ai) f(ilia) / [... ?] – (IRCP, 494).

Fannius /-a – é gentilício pouco documentado na *Hispania*, onde apenas se registam doze referências, dez na *Baetica*, e maioritariamente provenientes da actual província de Córdova (Abascal, 1994, p. 137). Regista-se apenas uma vez neste santuário.

Deo / Endovellico / sacrum / M(arcus) Fannius / Augurinus / merito bun[c] / deum sibi / propitiatum – (IRCP, 495).

Helvius /-a – na *Hispania* registam-se 54 presenças deste gentilício (Abascal, 1994, p. 148-149); são mais abundantes na *Lusitania* (especialmente em Mérida), e nas regiões da *Baetica*, que com ela confinam; aí, embora não muito numerosos, estão entre as principais famílias locais chegando mesmo a participar do grupo senatorial²⁵. Neste santuário o gentilício *Helvius* aparece duas vezes, uma delas associado aos gentilícios *Iunius* e *Aelius*.

²¹ *Cocceia Clarilla* e *Cocceia* *Victoria* (IRCP, 256 e 348 respectivamente), ambas em monumentos funerários de tipo *cupa*.

²² Pedestal com estátua: *P. Numisio Superstiti ex testamento suo Cocceia Severa d d* (EE 9,185). Segundo o Marquês de Monsalud, a testamenteira de *Numisius* seria a mesma *Cocceia Severa* também referida como filha de *Trebia Procula* (CIL II, 813 e 814); cf. tb. Mallon; Marín (1951, p. 52-53).

²³ Cf., *infra*, o gentilício *Trebius* /-a.

²⁴ AE 1971, 0147, – *D(is) M(anibus) s(acrum) / Cretonia Maxima Pap(ria) / Pacensis an(norum) LXXX b(ic) s(ita) est / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) P(ublius) Aplianus Marci/ anus Pap(ria) Emerite(nsis) / an(norum) XXXIII b(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / mater sibi et f(ilio) f(aciendum) c(uravit).*

²⁵ Sobre os *Helvii* da Bética, cf. González (1989, p. 90); para o grupo senatorial bético cf. Rodríguez (1981, p. 133).

Deo Endovellico sac(rum) / Iunia Eliana voto suscepto / Elvia Ybas mater filie / sue votum susceptum /^s animo libens posuit – (IRCP, 514);

Endovoli/co sacrum / Helvia Avita / v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit) – (IRCP, 496).

Iulius /-a – é um gentilício muito comum na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 151-163) e por isso torna-se difícil utilizá-lo para avaliações com base no seu uso. Neste santuário é o gentilício mais bem representado, como aliás em todo o *Conventus Pacensis*. Não esqueçamos no entanto a importância que tiveram no seu tempo os Iulii senatoriais de Évora (Lambrino, 1951), e a possível extensão regional dos seus dependentes.

[End]ovo/lico Iul/ia Anus / relictum /^s a maio/ribus / a(nimo) l(ibens) p(osuit) – (IRCP, 499);

Endovel/lico Iulia / Maxuma – (IRCP, 500);

Endo/vellico / Iulia P(ublii) f(ilia) / Maxuma /^s v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo) – (IRCP, 501);

Iulia / [Pro]cula / [Endo]vellic[o] / [ex] voto – (IRCP, 503);

Deo Indovel[lico] Iu[lianus ?] / pro Iul(iam) Mar/cellam fili/[am suam ?] – (IRCP, 504);

[Endove]llico / G(aius) Iulius / Capito /^s a(nimo) l(ibens) p(osuit) – (IRCP, 505);

C(aius) Iulius / Catur[o]nis / [f(ilius) ...] – (IRCP, 506);

Deo San/cto Ind/ovellic/o [...] [Iu ?]/^s lianu[s] / v(otum) [...] – (IRCP, 507);

L(ucius) Iulius Novatus / Endovellico / pro salute / Vivenniae /^s Venusta / Maniliae (sic) sua[e] votum solv[it] – (IRCP, 508 e cf., *infra*, Vivennius /-a);

[Endo]volico / [sacru]m L(ucius) Iuliu/[s P]aesicus / [v(otum) l(ibens)] a(nimo) s(olvit) – (IRCP, 509);

Endovollico / sacrum Mar/cus Iulius / Proculus /^s animo li/bens votum / solvit – (IRCP, 510);

[...] / Q(uintus) Iulius / Pultarius / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit) – (IRCP, 511);

Deo Endovelli/co sacrum ex / responsum / [...]f Caius Iu /^s[lius S]eptumi/[nus anim]o le/[ben]s feci<t> – (IRCP, 512).

Iunius /-a – é gentilício muito vulgar na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 163-166); em Cáceres el Viejo regista-se a associação de *Iunius* e *Cassius* (na forma

cognominal *Cassianus*) num nome de um indivíduo de família senatorial²⁶. Neste santuário aparece uma só vez associado aos gentílios *Aelius* e *Helvius*, cf., *supra*, *Aelius* /-a e *Helvius* /-a.

Livius /-a – é gentílico pouco comum na *Hispania*, onde se menciona apenas 12 vezes (Abascal, 1994, p. 173), sendo 4 no *Conventus Pacensis*²⁷. Aparece referido uma única vez neste santuário.

Endovo/lico ex / v(oto) M(arcus) Livius / Severus / a(nimo) I(ibens) [p(osuít)] – (IRCP, 517).

Messius /-a – registam-se 20 exemplos deste gentílico na *Hispania*; embora apareça na *Lusitania* (Lisboa, Beja e Mérida), é mais frequente na *Baetica*, nomeadamente na província de Sevilha, onde aparece referido como um dos elementos da estrutura polinómica do nome próprio de um senador do séc. II²⁸. Aparece uma única vez neste santuário.

Endovell/ico Vitalis / Messi Sym/paerontis f(ilius) / et servus / a(nimo) I(ibens) p(osuít) – (IRCP, 536).

Petronius /-a – este gentílico regista-se 28 vezes na *Hispania* tendo 14 ocorrências na *Lusitania* (Abascal, 1994, p. 197). No *Conventus Pacensis* aparece em Beja, no nome de elementos das elites locais do séc. II (IRCP 291 e 232) e, ainda mais próximo deste santuário, em Vila Viçosa, numa inscrição do séc. III (IRCP 465). Com este gentílico temos um cultuante neste santuário, cf., *supra*, *Albius* /-a.

Pompeius /-a – é muito comum na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 198-201); Mérida é a cidade da *Lusitania* com maior número de ocorrências deste gentílico; está pouco representado no *Conventus Pacensis*, e neste santuário está representado apenas uma vez.

M(arcus) Pompeius Sat/urninus Endo/vollico votum / s(olvit) – (IRCP, 521).

Pomponius /-a – registam-se 41 referências a este gentílico na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 201). É na região de Elvas que, no *Conventus Pacensis*,

²⁶ Cf., *supra*, o que se diz sobre os *Cassii*.

²⁷ Relativamente próximo deste santuário, em Viana do Alentejo, regista-se numa *cupa* o nome de *Livia Libera* associada a *Musa*, *CIL II*, 90 (= IRCP 433) e Coelho; Dias (1988, p. 341-352); a propósito desta inscrição, J. d'Encarnação refere a distribuição deste gentílico no *Conventus Pacensis* (IRCP 10, 113, 433 e 517 inscrições provenientes de Faro, Mértola, Viana do Alentejo e deste santuário, respectivamente).

²⁸ Para os *Messii*, cf. Edmonson (1984, p. 69-88 – com mapa de distribuição do gentílico) a completar com Abascal (1994, p. 185). Para os *Messii* senatoriais, cf. *PIR2 V-2 -M*, p. 260-268 e 329 (com *stemma* familiar na p. 266). Para os grupos senatoriais béticos, cf. Rodriguez (1981, p. 121-139) e Castillo (1982, p. 465-479).

encontramos maior número de ocorrências. Neste santuário aparece referido uma vez

Endovelli/co sacrum / ex religione [sic] / iussu numinis /⁵ Pomponia Marcella / a(nimo) l(ibens) p(osuit) – (IRCP, 522).

Sempronius /-a – é gentílico muito comum na Hispania (Abascal, 1994, p. 214-218) mas no Conventus Pacensis temos apenas outra ocorrência na forma cognominal Sempronianus (IRCP, 65). Em Vilches, junto do limite sul e ocidental de Tarraconense, encontramos o mesmo gentílico e o mesmo cognome numa família prestigiada de nobres locais cujos homens parecem, preferencialmente, terem usado o praenomen C(aius) (CIL 3251 e 3252).

P(ublius) Sempronius Celer / Endovollico v(otum) / s(olvit) l(ibens) a(nimo) – (IRCP, 525).

Sevius /-a – é gentílico muito pouco usado na Hispania, onde apenas se regista 5 vezes²⁹. Neste santuário aparece uma vez e refere um cidadão de Mérida como se pode deduzir pela tribo, a Papiria.

Q(uintus) Sevius Q(uinti) f(ilius) / Pap(iria tribu) Firmanus / votum Deo Endovollico / s(olvit) l(ibens) m(erito) – (IRCP, – 526).

Sitonius /-a – é gentílico pertencente ao grupo onomástico Sitinius, Sitianus, Sitonius e Sitillius, aparentando-se talvez ainda com os gentilícios Siternius, Sitrius e outros³⁰. Não se regista qualquer outro exemplo deste gentílico na Hispania.

Sit<o>nia Q(uinti) f(ilia) / Victorina / ex visu Q(uinti) Sit/oni Equestris /⁵ patris sui En/dovellico p(onendum) c(uravit) – (IRCP, 527).

Statorius /-a – é gentílico raro na Hispania, onde só aparece 2 vezes mais: uma, em Cartagena, no nome de M. Statorius Amphio (Abascal, 1994, p. 223) outra em Barbate, na actual província de Cádiz³¹, no nome de um sevir.

Enobolico / Tusca Olia / Tauri f(ilia) / pro Quinto /⁵ Statorio / Tauro / v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit) – (IRCP, 519).

Terentius /-a – é gentílico bem documentado na Hispania (Abascal, 1994, p. 227-229) Existem seis indivíduos com este gentílico no Conventus Pacensis, dos quais dois estão em inscrições de Évora, associados aos Manilii e Vibii (IRCP 404, 405). Neste santuário registam-se três referências a este gentílico.

²⁹ Na região de Navarra, este gentílico regista-se três vezes numa mesma inscrição e, na Corunha, aparece numa inscrição rupestre a Marte Augusto, referindo um lusitano de Coimbra, cf. Abascal (1994, p. 221).

³⁰ Cf. Shulze (1904, p. 232) e Solin; Salomies (1988, p. 172-173); sobre a etimologia latina deste gentílico ver sugestão em IRCP, p. 605 (*sitona / Sitona*).

³¹ CIL II, 1925, de Barbate – *I(ucius) Statorius / Iucundillus / IIIII / b(ic) s(itus) / e(st) s(it) i(ibi) t(erra) l(evis)*.

Endovellico / sacrum L(ucius) T(erentius ?) / et T(erentia?) M(axima?) ex im/perato aver/5 no a(nimo) l(ibentes) f(ecerunt) – (IRCP, 528);

Endovel/lico sacrum / Terentia G(aii) f(ilia) / [...] statuam / [f(aciendum) c(uravit)] – (IRCP, 529).

Treb(ius vel -ictus) / (-ia vel -icia) – é gentílico muito pouco documentado no Império. Na *Hispania*, os testemunhos mais próximos registam-se em Mérida (*Trebia Compse*), Sevilha, *Iptuci* (na actual província de Cádiz); em Gades, está presente na forma cognominal no nome de *C. Platorius C. f. Gal. Trebianus* (González, 1982, p. 257), e, na região de Cáceres, aparece associado ao gentílico *Cocceius*³². Na zona de Évora e Beja liga-se aos gentílios *Viventius* e, como já se viu, a formas cognominais derivadas do gentílico *Badius*. Mesmo entre os indivíduos do grupo senatorial o gentílico também é raro³³. Neste santuário temos um só caso.

End(ovellico) sacr(um) / pro vern/aclam / Treb(iae vel -iciae) Muse /5 ser(vam) Q(uintus) L(icinius ?) Ca/tullus / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit) – (IRCP, 515; Coelho e Dias, 1988 p. 343-344).

Tullius /-a – é gentílico pouco comum na *Hispania*, onde aparecem onze referências onomásticas (Abascal, 1994, p. 231). Este gentílico tem particular incidência na região oeste do *Conventus pacensis* e região limítrofe da província de Badajoz, embora também apareça numa inscrição de Braga³⁴; neste santuário

³² Na inscrição honorífica erigida a *Trebia Procula*, por sua filha *Cocceia Celsi filia Severa norbensis*, cf. Hurtado de San Antonio (1977, 371), a ligação *Trebius /-a* sob a forma *Trevius /-a*, repete-se numa ara encontrada em Caparra e datada do séc. III, onde se associam, *Trebia Vegeta* e a mesma *Cocceia Severa norbensis* cf. Hurtado de San Antonio (1977, 1); para a grafia *Trebia* por *Trebia*, e genericamente *-v-* por *-b-*, cf. Carnoy (1906, p. 129 e 132-141) e. tb. Pirson (1901, p. 61), que situa a intensificação desta mutação fonética a partir do séc. III ao V. A importância de *Cocceia Severa* foi grande pois a cidade de Caparra admite-a entre os cidadãos como se infere da inscrição que, nessa cidade, lhe foi mandada fazer por sua avó *Avita Moderati filia*. Já em 31 d. C., outro portador do gentílico, *C. Trebeccius Lucanus*, assina com *Attius Severus* e *L. Catinius Optatus*, uma tábua de hospitalidade entre a cidade de *Iptuci*, a actual Prado del Rei, e a colónia de *Claritas Iulia Ucubi*, a actual localidade de Espejo, cf. González (1982, p. 257).

³³ Conhecemos muito pouco dos *Trebi*. Em 123, uma *Trebia* (ou *Trebia*) *Tertulla* aparece referida como proprietária de *praedia* e *figlina in opus Salarese*; pensa-se que podia estar familiarmente próxima de *M. Valerius Trebicius Decianus*, como admite Raepsaet-Charlier (1987, p. 600-601).

³⁴ De Évora (S. Bento do Mato), *IRCP*, 407, referem-se *Q(uintus) Tullius Habiti / f(ilius) Gal(eria tribu) Modestus / an(norum) XX Tullia Habiti / f(ilia) Tusca an(norum) V Q(uintus) Alfius /5 Modestus b(ic) s(iti) s(unt) s(iti) v(obis) t(erra) l(evis) / mater f(aciendum) c(uravit)*; de Mértola cf. supra nota 7; da região de Ourique (Monte da Corcha, Garvão), *IRCP*, 141, temos uma [...] *Tullia / Bo[ut]ia / [...?]*; na região de Badajoz (Medina de las Torres) (Mallon; Marín, 1951, p. 46-47) *D(is) m(anibus) s(acrum) / Q(uintus) Tullius Hil(us) / ann(or)um XXI b(ic) s(itus) e(st) / Tullia [Altu]ra? /5 mater ex tes[tam(ento)] / filio pient[is(sim)o] / fecit*; ainda no sul da *Hispania*, na província de Cuenca (*Saelices*), *CIL II*, 5874 e AE, 1985, 619, *D[il]anae / Frigif[er]ae / P(ublius)*

aparece no nome de *Tullia Modesta* com a falta de gravação de traço superior do T³⁵.

Iullia (sic) *C(aii) f(ilia) / Modesta / Endovellico / votum l(ibens) <a(nimo)> s(olvit) – (IRCP, 502).*

Valerius /-a – é gentílico muito vulgar, disseminado por toda a *Hispania* (Abascal, 1994, p. 232-244); as cidades que apresentam maior concentração de referências a este gentílico são as cidades costeiras de Tarragona e Cádiz. Na Bética, em *Iliberris*, existiu mesmo uma família senatorial hispânica, portadora do gentílico, *Valerius* – os *Valeri Vegeti* (Castillo, 1982, p. 515-516); a frequência do *nomen* dos portadores aliada à forma abreviada como é referido nas inscrições deste santuário, invalidam qualquer raciocínio quer quanto à identidade individual quer à distribuição geográfica do nome gentílico.

Deo [Endovel] / lico sa[crum] / ex resp[onsu] / C(aius) V(alerius ?) M(aximus ?) /⁵ a(nimo) l(ibens) [v(otum) s(olvit) ?] – (IRCP, 530);

Deo Sanct/o Endovel/ lico M(arcus) V(alerius) M(aximus ?) animo libe/⁵ns votum / solvit – (IRCP, 531);

[D]eo Endo/vellico Tu/[l ?]a ? [vel T(itus) V(alerius) M(aximus)] ex voto / [pos]uit – (IRCP, 532);

Endo/vellico / Valerius / Ceca[?] /⁵ [...] M / [vo]l[um] / [s(olvit)? a]ni/[mo] l(ibens) – (IRCP, 533).

Vesidius /-a – é gentílico referenciado na Itália mas muito pouco vulgar no resto do Império³⁶; na *Hispania* regista-se apenas nesta inscrição (Abascal, 1994, p. 246).

Endovellico [...] [Vē]sidiu[s] / pro f(ilio) suo G(aio) Vesidio Fusco / v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo) – (IRCP, 534).

Vibius /-a – é gentílico que se regista 108 vezes na *Hispania* (Abascal, 1994, p. 247-248). Neste santuário está referido três vezes; a inscrição de *Hermes* menciona um liberto de *Aurelia Vibia Sabina*, o que fazia dele um liberto

Tull[ilius] [Par]is / lib(ertus) v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito); em Braga (Quinta de Portas), *EE*, 282, refere uma *Tullia L(ucii) l(iberta) Talantea*. A epigrafia mostra que as ligações familiares dos portadores destes gentílicos se estabelecem com os *Alfii*, e com os *Porcii* e usam cognomes gregos e indígenas, como *Boutius* e *Vellicus*.

³⁵ Para a leitura *Tullia* cf.. *AE* (1969/70, 223) contra a opinião de *IRCP* (502) que considera que os outros *TT* da inscrição estão bem gravados, o que inviabilizava a hipótese de *Tullia*. A favor da proposta de leitura *Tullia* convém no entanto notar que não existem outras gravações de *Iullia* grafado com dois *ll*.

³⁶ Cf. Shulze (1904, p. 255) e Solin; Salomies (1988, p. 204).

imperial, na opinião de E. Hübner³⁷, e no nome de dois outros cultuantes, pai e filho. O facto de *Hermes* ser *servus marmorarius* pode sugerir a existência nesta região de *metalla* imperiais. Também na segunda metade do séc. II encontramos prestigiada a associação deste gentílico ao cognome *Bassus* no nome de *Vibius Bassus*, proconsul da Ásia sob Antonino Pio (Alföldy, 1977, p. 194), identificado por vezes como amigo de Septímio Severo (*PIR*² I, B.75).

Deo Endovellico / Hermes Aureliae / Vibiae Sab[il]inae ser(vus) / Marmorarius /⁵ a(nimo) l(ibens) p(osuit) – (IRCP, 497);

Endovollico / sacrum / M(arcus) Vibius Bassus / et M(arcus) Vibius Avitus f(ilius) – (IRCP, 535).

Vivennius /-a – é a forma erudita do nome etrusco, cuja grafia mais comum é *Vibenna* (Carnoy, 1906, p. 129). É gentílico muito raro, de que apenas aparece outro exemplo na *Hispania*, precisamente em Évora, próximo deste santuário³⁸, e associado ao gentílico *Badius /-a*.

L(ucius) Iulius Novatus / Endovellico / pro salute / Vivenniae /⁵ Venusta / Maniliae (sic) sua[e] votum solv[it] – (IRCP, 508).

Se consultarmos o quadro dos nomes dos cultuantes de Endovélico, encontramos uma maioria de nomes latinos e alguns, poucos, de origem hispânica; fica-nos também a ideia de que algumas das formas onomásticas aqui representadas, nomeadamente o gentílico *Vivennius /-a*, *Sitonius /-a*, *Critonius /-a*, e *Mogolius*³⁹, alguns *cognomina*, como *Dobetianus*⁴⁰ e nomes como *Conicodius*⁴¹ e *Antubellus*⁴², estão directamente ligados à onomástica dos habitantes pré-romanos, ou são, como no caso de *Vivennius* e *Sitonius*, gentílicos que só se justificam pela sobrevivência de um pequeno grupo familiar, radicado na cidade de Évora, mas de que não existem referências significativas no resto da *Hispania*. Contudo, a maioria dos gentílicos romanos, embora não representem aqui indivíduos de alto estatuto social, é daqueles que

³⁷ *CIL II*, 133, opinião aceite em *PIR*, 411; o seu nome aparece registado como *Aurelia Vibia Sabina* e *Vibia Aurelia Sabina*, filha do imperador Marco Aurelio e de Faustina, a Jovem, que vivia ainda sob Caracala e Geta, cf. Raepsaet-Charlier (1987, p. 622-623, n. 800). Como é sabido, o imperador Marco Aurélio era filho de *M. Annii Verus* (*PIR*² I, A-696), o que pode ligar, nomeadamente na *Hispania*, os dependentes dos *Vibii* aos dos *Annii*.

³⁸ *IRCP*, 408, cf., *supra*, o gentílico *Badius /-a*.

³⁹ Talvez possa ser um nome gentílico céltico, segundo a opinião de Schulze (1904, p. 34), que cita este exemplo da *Hispania* e coloca este gentílico (?) entre aqueles que diz não poder analisar.

⁴⁰ Associado ao nome indígena *Dobiterus*, cf. Palomar (1957, p. 67, 122-124, e 146).

⁴¹ Nome pessoal de origem indígena associável, ao nome dos *Conii*, povo documentado historiograficamente no sudoeste peninsular, região do Baixo Alentejo e Algarve, cf. Palomar (1957, p. 67, 122-124, e 146).

⁴² Um nome indígena que, com esta forma, se regista unicamente neste santuário; mas a forma *Antubelus /-ius*, que lhe é certamente aparentada, aparece, por duas vezes, na província espanhola de Cáceres: em Alcântara, numa ara votiva dedicada por *Boutius Antubel(i) f(ilius)* (*CIL II*, 756) e, em S. Martín de Trevejo, *Antubeli*, cf. Morán (1922, p. 31-32). Para o conjunto destas três referências ao nome cf. Palomar (1975, p. 35-36).

partilham dos nomes das grandes famílias senatoriais da *Lusitania* ou da vizinha *Baetica*⁴³ (estão neste caso os *Messii*, os *Annii*, os *Aelii* e outros).

Nem sempre é possível refazer as relações familiares, e de grupo, entre os portadores desta onomástica pessoal, escalonando-as num período de duas centúrias e meia. São os nomes mais raros (gentílicos e cognomes), que nos permitem ensaiar essas ligações. Vejamos o caso do cognome *Manliola*:

O cognome feminino *Manliola-Malliola* é muito raro⁴⁴, e, considerado socialmente, implicará sempre que aquela que o usou estivesse ligada a um alto estatuto social, mesmo que fosse só pela participação na família alargada de algum notável, sendo conhecida uma *Antonia Manliola* que, sob Trajano, por volta do ano de 110⁴⁵, foi uma das *dominae* das *figlinae Macedonianae*⁴⁶. Ora, no santuário de Endovélico temos exactamente o mesmo gentílico associado ao mesmo cognome no nome de *Antonia L. f. Manliola* mas, embora a documentação epigráfica não forneça a prova de qualquer ligação entre elas, a coincidência destes dois nomes não deixa de dar que pensar⁴⁷. Outras representantes do grupo senatorial que usam o mesmo cognome, também tiveram *figlinae* nos arredores de Roma; embora não se possa estabelecer, com segurança, a ligação entre *Antonia Manliola* que oferece ao deus um *signum argenteum*, e as outras duas, *Cornelia Manliola* e sua filha *Acilia Manliola*, não deixa de ser sintomático que estas também tivessem sido donas de *figlinae*⁴⁸. *Acilia Manliola* era irmã de *M' Acilius Glabrio* (cos. 152) e filha de *M' Acilius Glabrio* (cos. 124)⁴⁹. No santuário de Endovélico aparece precisamente uma referência a um *servus*, que se diz *Acilii Glabronis adiu(or) tabula(rii)*⁵⁰, o que pode ajudar a vislumbrar as relações sócio-familiares destes cultuantes de Endovélico. É preciso ter em conta que, entre as grandes famílias senatoriais, o negócio de materiais de construção não era de desprezar, e muitas das princesas imperiais estavam a ele ligadas. O facto de outra inscrição deste santuário mencionar *Hermes, servus marmorarius* de *Aurelia Vibia Sabina*, pode colocar as explorações de mármore da região entre as possíveis *metalla* imperatoriais⁵¹

⁴³ Para as ligações com a Bética cf. o doutrinado por P. Bosch-Gimpera (1944, p. 281 [= p. 307]), "El predominio de los Lusitanos en Portugal, en su base étnica, así como la mayor romanización y las relaciones con las tierras meridionales españolas, ofrece un factor de diferenciación respecto a Galicia".

⁴⁴ Talvez possamos também reconhecer, seguindo a opinião de E. Hübner (*CIL II*, 174), a forma masculina do cognome numa inscrição de Lisboa, datada de inícios do séc. II, hoje perdida, que diz: *Aesculapio / Augusto / sacrum cultores larum/5 Maliae et Malioli / M. Cossutius / Macrinus / donavit*; E. Hübner afirma explicitamente que, na forma onomástica da, l.5, pode-se ver uma outra forma de *Manliae* e *Manlioli*.

⁴⁵ Cf. Steinby (1977-1978, p. 117 e 118, e tav. L e LI, respectivamente).

⁴⁶ Onde trabalharam os dois *officinatores*, *Hermes* e *P. Raius Ryt*[...]; sobre as *figlinae* cf. Setälä (1977, p. 59-60).

⁴⁷ Esta coincidência foi já notada por Setälä (1977, p. 60).

⁴⁸ Cf. Setälä (1977, p. 47-49).

⁴⁹ Cf. *PIR2*, A – 68 (*M' Acilius Glabrio*, cos.124 + *Cornelia Manliola*) e Raepsaet-Charlier (1987, p. 27-29, 254-255, 313-314 e 530; e *stemma* II).

⁵⁰ No seu estudo sobre os *Acilii Glabronis* M. Dondin-Payre (1993, p. 306) não conseguiu identificar qual o *Acilius Glabrio* a que se refere esta inscrição.

⁵¹ Sobre a exploração de mármore, cf. Canto (1977-1978, p. 165-188) e Álvarez; Mayer (1987, p. 5-9).

da segunda metade do séc. II⁵², exactamente quando se faziam grandes obras públicas nas cidades béticas. Nessa época, as famílias senatoriais da Bética, instaladas em Roma, tinham, ao que parece, interesses económicos entre si, sendo um dos principais representantes dessas famílias, *M. Annius Verus*. Este tinha, como empresário independente nos seus *praedia*, o mesmo empresário que, no ano de 123, fabricava *opus Salarese* simultaneamente nas *figlinae* de *Cornelia Manliola*, de *L. Turranius Gallus* e de *Trebicia Tertulla*⁵³. Os *Annii*, que ascenderam ao patriciado em 73 / 74, eram originários de colonos radicados em *Ucubi* (actual Espejo), na Bética, daqui a família se mudou para *Gades*, onde eclodiu num núcleo senatorial de *Annii* e *Cornelii* que vão manter um grande protagonismo social durante bastante tempo (Castillo, 1982, p. 479). Ora, encontramos os *Trebicii*, registados desde 31 d. C., curiosamente no nome de uma das testemunhas de um pacto entre *Iptuci*, a actual Prado del Rei, e a colónia de *Claritas Iulia Ucubi*, donde já vimos que procediam os *Annii*; e em Caparra, já no séc. III, os *Trebicii* aparecem associados aos *Cocceii* de *Norba* (Cáceres)⁵⁴. Os *Cocceii*, de Cáceres, parecem ter tido em *Cocceia Celsi filia Severa norbensis*, um dos seus elementos mais destacados, e talvez seja possível associá-la ao cultuante de Endovélico *Cocceius Craterus Honorinus*, que se diz *equus romanus*⁵⁵, não sendo assim de estranhar que ele não se tenha esquecido de, no estilo mais rebuscado do seu tempo, expressar a sua devoção ao deus chamando-lhe *praestantissimus et praesentissimus numen* num pedestal que devia suportar uma estátua que não conseguimos identificar, entre os inúmeros fragmentos escultóricos que fazem parte do espólio arqueológico do santuário.

Sabe-se que o santuário de Endovélico serviu, durante muito e muito tempo, de canteira onde se recolhiam blocos trabalhados, fustes e capiteis, reaproveitados em construções variadas; numa nota aos trabalhos de Gabriel Pereira, J. Rosa informa que “as colunas que sustentam os quarenta arcos da claustura da Universidade de Évora foram tiradas do Endovélico” (Pereira, 1889=1934, p. 369). Existiu sem sombra de dúvida, em S. Miguel da Mota, um grande templo com colunas, à maneira romana, que pode ilustrar a vaga renovadora e “oficial” que a análise da onomástica dos cultuantes deixa vislumbrar, e que vai também expressar-se na estatuária onde os exemplares de mármore branco e de excelente qualidade escultórica parecem ter sido modelo de outras cópias mais rudes.

A estatuária do santuário pode, quanto ao tema, dividir-se em três grandes grupos: a) as representações do Deus de que nos restam cabeças e figuras nuas de corpo inteiro; b) as representações de cultuantes vestidos; c) as representações de cultuantes com atributos militares.

Durante algum tempo, com base num paralelismo etnográfico admitiu-se que a grande quantidade de figuras nuas corresponderia à representação de

⁵² Cf., *supra*, *Vibius* /-a, e respectiva nota infrapaginal.

⁵³ Proposta de Setälä (1977, p. 56), retomada por Castillo (1982, p. 477).

⁵⁴ Cf., *supra*, *Trebicius* /-a.

⁵⁵ Para as referências epigráficas aos hispânicos que apenas são mencionados como *equites romani*, aqui entendido como um título honorífico, cf. Rodríguez Neila (1981, p. 80-81); num total de sete casos, dois pertencem à Tarraconense, outros dois à Bética e três à Lusitânia (*CIL II*, 108, 131 e 263, de Évora, S. Miguel da Mota e Lisboa, respectivamente).

devotos que, agradecidos pelas curas feitas no santuário e atribuídas ao deus, expunham em estátua o seu corpo nu. Esta interpretação tem por base uma figura do deus, toscamente esculpida num *aedeolum* que lhe foi erigido por *Ca(ius) S(ulpicius) C*⁵⁶, e onde a inabilidade do escultor levou a que aí modernamente se tivesse visto a representação de uma deficiência física, e consequentemente esta estátua do deus fosse entendida como a de um devoto hemiplégico, pois a representação da perna esquerda está de frente, ligeiramente flectida, enquanto que a direita se encontra de lado⁵⁷. Desfeito o engano (Lambrino, 1951, p. 29-32), continuou a admitir-se que as estátuas nuas representavam devotos e, porque existiam estátuas de todos os tamanhos, e de fraca qualidade, era fácil atribuir-se-lhes a classificação de estátuas de jovens nus. O segundo grupo é o das figuras vestidas, quer masculinas quer femininas, de diversas idades, e com atributos socialmente significativos, desde o busto de jovem com *bula* aos togados e até a toscas representações de que só nos restam fragmentos escultóricos de panejamentos incaracterizáveis. O terceiro grupo é o dos militares, de que temos três representações seguras, uma delas em mármore branco, de boa qualidade escultórica com um escudo rectangular de legionário, com o respectivo *umbo* e os “episemas” (Matos, 1995, p. 164-165), o que faz pensar numa *devotio* de militares. As outras duas, de menor qualidade, parecem reproduzir a anterior como o modelo⁵⁸. A data destas esculturas não pode ainda ser apurada, mas é difícil pensar, durante o transcurso do séc. I ao III, numa necessidade de *devotio* de militares na *Lusitania*. Que perigo eminente, ou profunda tradição os levaria a apresentarem-se ao deus como militares, num santuário onde os civis maioritariamente, colocam também as suas estátuas, igualmente a jeito de *devotio*, e onde as relações familiares se sobrelevam nas intenções de voto e nas mensagens ao deus⁵⁹? Que é que Endovélico tinha para oferecer aos militares? Se as características infernais do deus podem explicar esta *devotio*, a representação descrita como um jovem nu, “com uma faixa pendendo a tiracolo com um largo botão assente sobre o lado esquerdo do ventre” (Matos, 1995, p. 158-159), pode ser entendida como a representação do “herói” / “deus”, que leva a tiracolo o cinto que suspende a arma – um jovem “herói” / “deus” com atributos de guerreiro, e aqui convém lembrar, ainda no âmbito militar, o texto infelizmente muito fragmentado, “em verso”?, que refere *Cassius Num[erus] [...] [...]c chorte b[ispana ?]*, texto certamente posterior ao séc. II.

Endovélico seria pois, para nós, um “herói” / “deus” que, como já foi referido (Lambrino, 1951, p. 136)⁶⁰, ganhou, ao longo do séc. II, quer no plano terreno e no outro mundo, as características de um deus salvífico, como a

⁵⁶ Cf. Matos (1995, p. 138-139) e *IRCP* 523.

⁵⁷ Posição clássica muito divulgada a partir da estatuária helenística, cf., *v.g.*, Berger (1990, p. 156-184, part., p. 170-171).

⁵⁸ Para a organização do trabalho dos escultores que por vezes eram artistas itinerantes cf. Garcia y Bellido (1955, p. 5-10).

⁵⁹ Para as relações familiares referidas nas intenções e cumprimentos de voto cf. *IRCP*, p. 802-805.

⁶⁰ “Il (*Phosphoros*) suggère une immortalité céleste, notion que le pythagorisme et les cultes orientaux avaient introduite dans la religion des Grecs et des Romains, ébranlant ainsi la vieille conception d'un Hadès souterrain”.

representação escultórica do *Phosphoros* (Matos, 1995, p. 174-175) parece sugerir e que se insere, e bem, nas influências religiosas que, nessa época, o pitagorismo e os cultos orientais introduziam na religião de gregos e romanos. Os cultuantes do santuário, que estariam ligados por laços de dependência, ou parentesco, às grandes famílias da Bética ocidental e da Lusitânia, envolvidos talvez nos negócios de exploração de mármore, transferiam para as competências de Endovélico as angústias e as dúvidas que a sua época lhes colocava. As reais atribuições que originariamente o deus pudesse ter tido podiam já não ser relevantes, mas a fama da eficácia do santuário manteve-se viva quando os romanos, de meados do séc. I a meados do III aí prestaram culto.

Esta caracterização social ajuda-nos a ter uma melhor compreensão da posição religiosa que este santuário desempenhou a partir do séc. II d.C., e também a apropriação política de que ele foi alvo por parte dos grupos dirigentes (ou, melhor, dos descendentes dos seus *liberti*, isto é dos seus “homens de mão”)⁶¹. A esta situação, e suas circunstancialidades, não terão sido certamente estranhos os fluxos migratórios que percorriam a via da Prata⁶², o controlo das populações indígenas da Lusitânia oriental e do sul, e, reconheça-se, a própria situação geográfica do santuário, numa região onde, já longe da grande concentração de núcleos urbanos, dominaria a pecuária e, pouco depois, no Baixo Império, se irá desenvolver, em economia combinada⁶³, o grande latifúndio⁶⁴.

⁶¹ Como “homens de mão” queremos dizer: Aqueles que, nas camadas mais baixas de uma pirâmide formada por laços “geracionais e/ou hereditários” de dependência jurídica e/ou social, não são mais do que extensões no terreno dos interesses das famílias importantes da Bética e do Império. Aqui, estes “homens de mão” protagonizaram um papel de destaque numa adequação local – documentada no santuário – entre a necessidade do controlo ideológico das populações e consequentemente na defesa dos interesses das relações funcionais dessas grandes famílias, que a onomástica deles evidencia; são uma espécie de primeira linha, os que dão a cara (e transportam o nome), na manutenção e perpetuação dos interesses económicos expressos, aliás também, na teia das alianças familiares, anterior e superiormente, estabelecidas.

⁶² Sobre a via da Prata, cf. J. M. Roldán Hervás (1971, *passim*), J. M. Luzón Nogué (1974, *passim*) e Dias, M. M. A. (1979, *passim*).

⁶³ Admitida desde A. Dureau de la Malle, R. Thouvenot, M. Ponsich, e outros autores mais recentes.

⁶⁴ Este texto foi objecto de uma comunicação dos AA. ao VII Colóquio sobre Línguas y Culturas Paleohispánicas, Zaragoza (1997), sob o título “Caracterización social de los devotos del santuario de Endovélico. (Évora)”. Porque Endovélico foi um dos grandes temas e preocupação de J. Leite de Vasconcelos, desde logo, se reservou a sua publicação numa revista portuguesa fundada por José Leite, no caso, *O Arqueólogo Português*.

QUADRO 1

Onomástica pessoal dos cultuantes de Endovellico

Referência bibliográfica	Nomes, relações de parentesco e intenção do voto	Nome do deus	Material de que é feito o suporte
IRCP 482	[...]o Cassi Num[er]o]	[...]	cinzento de Trigaches
IRCP 483 *	<i>Albia Ianuaria</i>	<i>Endovellicus</i>	
IRCP 484	<i>Ann(ia) Q(uinti) f(ilia) Mariana pro Pompeia Prisca</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 485	<i>T(itus) Annius Aper</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 486 *	<i>Antonia L(ucii) f(ilia) Manliola</i>	<i>Endovellicus</i>	
IRCP 487	<i>Antubellus Priscus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 488 *	<i>Arrius Badiolus</i>	<i>Endovellicus</i>	
IRCP 489	<i>Blandus Caeliae Rufinae servus</i>	<i>Endovellicus</i>	Pardais / Alandroal
IRCP 490	<i>L. Calpurnius Andronicus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 491	[?] Calpurnius Dobetianus	[...]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 492	<i>Sextus Cocceius Craterus Honorinus</i>	<i>Endovellicus</i>	cinz. Trigaches
IRCP 493	<i>Conicodius (?)</i>	[End]ovellicus	reaprov. sem inf.
IRCP 494 *	<i>Critonia Maxima</i> <i>pro Critonia C(aii) f(ilia) [...]</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 495	<i>M(arcus) Fannius Augurinus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 496	<i>Helvia Avita</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 497 *	<i>Hermes Aureliae Vibiae Sabinae ser(vus) marmorarius</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 498	<i>Hermes [...]</i> P(ublii) l(ib)ertus ?	não menciona	b. Estr./V.Viç.
IRCP 499	<i>Iulia Anus</i>	[End]ovellicus	b. Estr./V.Viç.
IRCP 500	<i>Iulia Maxima</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 501	<i>Iulia P(ublii) f(ilia) Maxima</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 502	<i>Iulia (sic) C(aii) f(ilia) Modesta</i> ou <i>Tullia C(aii) f(ilia) Modesta</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
AE 1969/70; 223	<i>Iulia C(aii) f(ilia) Modesta</i>	[End]ovellicus	ruína clara
IRCP 503	<i>Iulia Procula</i>	[End]ovellicus	ruína clara
IRCP 504	<i>Iul(ianus) ? pro Iul(iam) Marcellam fili(am suam?)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 505	<i>G(aius) Iulius Capito</i>	[.....]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 506 FE.10.4	<i>C(aius) Iulius Catur(o)nis (f(ilius)?)</i>	[.....]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 507	<i>[Iu?]liu[s] [Iu?]lianus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 508	<i>L(ucius) Iulius Novatus</i> <i>Vivenniae Venustae (Maniliae, sic pro mamma ? suae)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 509	<i>L(ucius) Iulius P[laes]icus</i>	[End]ovellicus	b. Estr./V.Viç.
IRCP 510 *	<i>Marcus Iulius Proculus</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 511	<i>Q(uintus) Iulius Pultarius</i>	[.....]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 512	[...]s Saturnin[s]	[End]ovellicus	b. Estr./V.Viç.
IRCP 513	<i>Caius Iulius Set ptum(nus...)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 514	<i>Iunia Eliana</i> <i>Elvia Ybas (filha da anterior)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 515	<i>pro Vernaciam Trebia vel -icia) Musa servam</i> <i>Q(uintus) L(icinius) Catullus</i>	<i>End(ovellicus)</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 516	<i>M(arcus) L(icinius) Nigellio</i> <i>L(iciniae) Marcian[e?] filiae suae (sic)</i>	<i>Endovellicus</i>	cinz. Trigaches

Referência bibliográfica	Nomes, relações de parentesco e intenção do voto	Nome do deus	Material de que é feito o suporte
IRCP 517	<i>M(arcus) Livius Severus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 518	<i>M(arcus) Mogolius Claihus</i>		b. Estr./V.Viç.
IRCP 519	<i>Tusca Olia Tauri f(ilia) pro Quinto Statorio Tauro</i>	<i>Enobolicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 520	<i>Petronia Albilla</i>	<i>Indovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 521	<i>M. Pompeius Saturninus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 522	<i>Pomponia Marcella</i>	<i>Endovellicus</i>	Pardais /Alandroal
IRCP 523	<i>C(aius) S(ulpicius) C</i>	<i>Endovellicus</i>	r. Estr./V.Viç.
IRCP 524	<i>S(ulpicia) Romula</i>	[E]ndovellicus	b. Estr./V.Viç.
IRCP 525	<i>P(ublius) Sempronius Celer</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 526 *	<i>Q(uintus) Seivus Q(uinti) f(ilius) Pap(iria tribu) Firmanus</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 527	<i>Sit<onia Q(uinti) f(ilia) Victorina Q(uinti) Sitioni Equestris patris sui</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 528	<i>L(ucius) T(erentius) M(aximus) et T(erentia) M(axima)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 529	<i>Terentia G(aii) f(ilia) [...]</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 530	<i>C(aius) V(alerius) M(aximus)</i>	[Endovellicus]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 531 *	<i>M(arcus) V(alerius?) M(aximus?)</i>	<i>Endovellicus</i>	sem informação
IRCP 532 FE.10.1	<i>Ti(ul?)a [vel T(itus) V(alerius -a) M(aximus -a)]</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 533	<i>Valerius Ciicd?</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 534	<i>[...][Velsidiu[s] pro f(ilio) G(aio) Vesidio Fusco</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 535	<i>M(arcus) Vibius Bassus et M(arcus) Vibius Avitus f(ilius)</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 536	<i>Vitalis Messi Symperontis f(ilius) et servus</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 537	[.....]	[.....]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 538	<i>Camar[...]</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 539	[.....]	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 540	[Marcissus]	[.....]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 541	[.....]	<i>Indovellicus]</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 542	[.....]	[E]ndovellicus)	b. Estr./V.Viç.
IRCP 543	[Calp?]urnius]	[Endovellicus]	b. Estr./V.Viç.
IRCP 544	[.....]	<i>Endovellicus]</i>	sem informação
IRCP 545	[.....]	<i>Endovellicus]</i>	b. Estr./V.Viç.
IRCP 556	[.....]	[E]ndovellicus]	
FE 64	<i>T(itus) Annius</i>	<i>Endovellicus</i>	b. Estr./V.Viç.
FE 188	<i>Euticbius</i>	<i>Endovellicus</i>	
IRCP 648*	<i>[Corinthus?] ser(vus?) vel Ser(vi) [...] Acilii Glabronis adiut(or) tabula(ris)</i>		

* Assinala inscrições hoje definitivamente perdidas ou cujo paradeiro se desconhece. b. Estr./V.Viç. (mármore branco de tipo Estremoz/Vila Viçosa); r.Estr./V.Viç. (mármore rosa de tipo Estremoz/ Vila Viçosa).

QUADRO 2

Representações escultóricas encontradas no santuário de Endovélico *

Referência bibliográfica	Representação	Material	Datação e observação
IMNAER 61	Cabeça de Endovélico	mámore	inícios séc.I
IMNAER 62	Cabeça de Endovélico	mámore	inícios séc.I (Júlio-Cláudia)
IMNAER 63	Cabeça de Endovélico	mámore róseo.	má qualidade estética, tratamento esquemático do cabelo
IMNAER 64	Cabeça de Endovélico	mámore	
IMNAER 65	Representação do deus nú	mámore róseo.	
IMNAER 66	Cabeça masculina	mámore	meados do séc. II
IMNAER 67	Cabeça masculina	mámore	
IMNAER 68	Cabeça masculina	mámore branco	
IMNAER 69	Cabeça masculina	mámore	
IMNAER 70	Cabeça feminina	mámore	
IMNAER 71	Cabeça feminina	mámore	
IMNAER 72	Cabeça feminina	mámore	
IMNAER 73	Cabeça feminina	mámore	
IMNAER 74	Cabeça feminina	mámore	inícios do séc. III
IMNAER 75	Cabeça feminina	mámore rosado	
IMNAER 76	Cabeça feminina	mámore	
IMNAER 77	Cabeça amovível, parte inf. do bloco de encaixe	mámore	
IMNAER 78	Cabeça	mámore branco	
IMNAER 79	Busto decapitado (nú)	mámore	
IMNAER 80	Tronco de estátua masculina	mámore	esculpido sem pretensões estéticas; o jovem veste túnica <i>manicata</i> e ostenta uma <i>bullae</i>
IMNAER 81	Tronco de estátua masculina	mámore	com a inscrição de <i>Vesidius</i> segunda metade séc. II
IMNAER 82	Togado	mámore	o uso abundante do trépano aconselha uma datação em finais do séc. II ou inícios do III
IMNAER 83	Togado	mámore	
IMNAER 84	Togado	mámore	
IMNAER 85	Parte inferior de figura humana	mámore	
IMNAER 86	Perna de estátua	mámore	
IMNAER 87	Escultura com panejamento	mámore	
IMNAER 88	Mão de estátua	mámore	
IMNAER 89	Togado jovem	mámore	segurando pássaro
IMNAER 90	Infante ? nú	mámore	segurando bola
IMNAER 91	Tronco de infante nú	mámore	
IMNAER 92	Busto de infante nú	mámore	
IMNAER 93	Pernas de infante nú	mámore	
IMNAER 94	Base de estatueta infantil	mámore	
IMNAER 95	Base de togado	mámore	
IMNAER 96	Base de togado	mámore	
IMNAER 97	Base de estátua de militar	mámore	com <i>calceus</i> e <i>paludamentum</i>

Referência bibliográfica	Representação	Material	Datação e observação
IMNAER 98	Base de estátua de militar	mármore	pés calçados com caligas; junto à base escudo rectangular de legionário
IMNAER 99	Base de estátua de militar	mármore	com vestígios de manto
IMNAER 100	Base de estátua feminina	mármore	
IMNAER 101	Base de estátua feminina	mármore	
IMNAER 102	Base de estátua	mármore	
IMNAER 103	Base de estátua	mármore	
IMNAER 104	Base de estátua	mármore	
IMNAER 105	Base de estátua	mármore	
IMNAER 106	Base de estátua	mármore	
IMNAER 107	Base de estátua com elemento cilíndrico	mármore	
IMNAER 108	Estátua de porco votivo	mármore	

* IMNAER (J. L. DE MATOS, *op. cit.*; os números indicam as entradas do catálogo).

Bibliografia

- ABASCAL, J. M. (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad Complutense de Madrid e Universidad de Murcia.
- ALFÖLDY, G. (1977) – *Konsulat und Senatorenstand unter den Antoninen*. Bonn: Habelt.
- ALMAGRO BASCH, M. [et al.] (1974) – *Huelva – Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional.
- ÁLVAREZ, A. e MAYER, M. (1987) – Le matériau des supports épigraphiques de la zone nord-est de la Tarraconaise. In *VIII^e Congrès international d'épigraphie grecque et latine, Athènes, 1982*. Athènes. II, p. 5-9.
- BERGER, E. (1990) – Zum kanon des Polyklet. In *Polyklet. Der Bildbauer der griechischen Klassik*. Frankfurt: Zabern.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1975) – *Diccionario de las religiones prerromanas de Hispania*. Madrid: Istmo.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1977) – *Imágen y mito*. Madrid: Cristiandad.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1978) – *Economia de la Hispania romana*. Bilbao: Nagera.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1983) – *Religiones prerromanas*. Madrid: Cristiandad.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1934) – Relaciones prehistóricas de Irlanda con el Occidente de la Península Ibérica. In *Miscelânea Scientífica e Literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcellos*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1, p. 44-66.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1944) – *El poblamiento antiguo y la formación de los pueblos de España*. Mexico: Imprenta Universitaria. Também publicado em BOSCH-GIMPERA, P. (1974) – *Paletnología de la Península Ibérica*. Graz: Akademische Druck – und Verlagsanstalt.
- BROWN, P. (1978) – *The Making of Late Antiquity*. Cambridge – Mass.: Harvard University Press.
- CAAMAÑO, J. M. (1972) – Los Aelii de la Península Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte e Arqueología*. Valladolid. 38, p. 33 e ss.
- CANTO, A. M. (1977-1978) – Avances sobre la explotación del mármol en la España romana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 50-51, p. 165-188.
- CARNOY, A. (1906) – *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*. Bruxelles: Misch & Thron.
- CASTILLO, C. (1982) – Los senadores béticos. In *Epigrafía e ordo senatori*. Roma. 4, p. 465-519.
- COELHO, L. e DIAS, M. M. A. (1988) – As "Musae" na Hispania: mitonímia e onomástica pessoal. *Euphrosyne*. Lisboa. N.s. 16, p. 341-352.
- CURCHIN, L. A. (1990) – *The Local Magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.
- DIAS, M. M. A. (1979) – A propósito da inscrição B-143 do Museu Regional de Beja. *Conimbriga*. Coimbra. 18, p. 203-226.
- DONDIN-PAYRE, M. (1993) – *Exercice du pouvoir et continuité gentilice – Les Acilii Glabrones*. Paris / Roma: École Française de Rome. Diffusion de Boccard.
- DUNCAN-JONES, R. (1974) – *The Economy of the Roman Empire – Quantitative studies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUNCAN-JONES, R. (1974a) – The procurator as civic benefactor. *Journal of the Roman Studies*. London. 64, p. 79-85.
- EDMONSON, J. C. (1984) – Mitras at Pax Iulia – a re-examination. *Conimbriga*. Coimbra. 23, p. 69-88.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

- ÉTIENNE, R. (1982) – Sénateurs originaires de la province de Lusitanie. In *Epigraphia e ordo senatorio*. Roma. 4, p. 521-529.
- GARCIA Y BELLIDO, A. (1955) – Nombres de artistas en la España romana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28, p. 3-32.
- GIMENO, H. e VARGAS, G. (1992) – Inscripción inédita dedicada a Endovellico. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 42, n.º 188.
- GONZÁLEZ, J. (1982) – *Inscripciones romanas de la provincia de Cádiz*. Cádiz: Deputación Provincial de Cádiz.
- GONZÁLEZ, J. (1989) – *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía I: Huelva*. Sevilla. Junta de Andalucía.
- HURTADO de SAN ANTONIO, R. (1977) – *Corpus provincial de inscripciones latinas: Cáceres*. Cáceres: Diputación Provincial de Cáceres – servicios culturales.
- LAMBERT, P.-Y. (1994) – *La langue gauloise*. Paris: Érrance.
- LAMBRINO, S. (1951) – Le Dieu Lusitanien Endovellicus. *Bulletin des Études Portugaises*. Lisboa. 15, p. 93-147.
- LAMBRINO, S. (1961) – Une famille sénatoriale d'Évora. *Euphrosyne*. Lisboa. 3, p. 225-231.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M. (1974) – Antigüedades en la Provincia de Huelva. In ALMAGRO BASCH, M. et al. – *Huelva Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional.
- MACIEL, M. J. P. e MACIEL, T. D. P. (1985) – Fragmento de ara a Endovélico, de Juromenha. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 15, n.º 64.
- MACIEL, M. J. P. e MACIEL, T. D. P. (1986) – A propósito de uma nova ara a Endovélico. *Gaya*. Gaia. 4, p. 9-18.
- MALLON, J. e MARÍN, T. (1951) – *Las inscripciones publicadas por el Marqués de Monsalud, 1897-1908: Estudio Crítico*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- MANGAS, J. (1971) – Un capítulo de los gastos en el municipio romano de Hispania a través de las informaciones de la epigrafía latina. *Hispania Antiqua*. Valladolid. 1, p. 105-146.
- MATOS, J. L. (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de escultura romana*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- MORÁN, C. (1922) – *Epigraphia Salmantina*. Salamanca: Museu de Salamanca.
- PALOMAR LAPESA, M. (1957) – *La onomástica personal prelatina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Servicio de Publicaciones de la Universidad.
- PEREIRA, G. (1889) – O Santuário do Endovélico. Ermida de S. Miguel da Mota. In *Estudos Diversos – Arqueologia – História – Arte – Etnografia*. Colectânea organizada por João Rosa. Coimbra. 1934.
- PIRSON, J. (1901) – *La langue des inscriptions latines de la Gaule*. Bruxelles: Société Belge de Librairie.
- POKORNY, J. (1934) – *Antiguo Irlandés*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- RAEPSAET-CHARLIER, M.-TH. (1987) – *Prosopographie des femmes de l'ordre sénatorial*. Louvain: Académie Royale de Belgique.
- RODRIGUEZ ALMEIDA, E. (1981) – *Avila romana*. Avila: Caja General de Ahorros y Monte de Piedad de Avila.
- RODRÍGUEZ NEILA, J. F. (1981) – *Sociedad y Administración Local en la Bética romana*. Córdoba: Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Cordova.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. (1971) – *Iter ab Emerita Asturicam. El Camino de la Plata*. Salamanca: Universidad.

- ROMANELLI, R. C. (1963) – *Do morfema indo-europeu -n- em latim*. Belo Horizonte: Universidade.
- RUIVO, J. da S. (1992) – L. Antonio Urso liberti et familia. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 119-154.
- SÁNCHEZ LEÓN, M. L. (1978) – *Economía de la Hispânia meridional durante la dinastía de los Antoninos*. Salamanca: Servicio de Publicaciones de la Universidad.
- SETÄLÄ, P. (1977) – *Private Domini in Roman Brick Stamps of the Empire – A Historical and Prosopographical Study of Landowners in the District of Rome*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- SHULZE, W. (1904) – *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*. Göttingen: Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen.
- SILVA, A. C. (1996) – O “grande deus” Endovélico. In RAPOSO, L. e SILVA, A. C. – *A linguagem das coisas, ensaios e crónicas de Arqueologia*. Mem Martins: Europa América. p. 387-389.
- SILVA, A. V. da (1944) – *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SOLIN, H.; SALOMIES, O. (1988) – *Repertorium nominum gentilitium et cognominum Latinorum*. Hildesheim: Georg Olms.
- SOUZA, V. de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani [Corpus der Skulpturen der Römischen Welt]: Portugal*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- STEINBY, M. (1977-1978) – *Lateres signati ostienses, I e II*. Roma: Institutum Romanum Finlandiae.
- STEPHENS, J. (1993) – Breton. In BALL, M., ed. – *The Celtic Languages*. London: Routledge.
- SUSINI, G. (1973) – *The roman stonecutter*. Oxford: Oxford University Press.
- TOVAR, A. e NAVASCUÉS, J. M. de (1950) – *Algunas consideraciones sobre los nombres de divinidades del oeste peninsular*. In *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural, à memória de Francisco Adolfo Coelbo*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. II, p. 178-191.
- ULBERT, G. (1984) – *Cáceres el Viejo – Ein spätrepublikanisches legionslager in Spanish – Extremadura*. Mainz: Zabern.
- VALERI, V. (1993) – Dizionario degli etnici e dei toponimici dall' Italia Antica – DETIA, Sezione V – Atlante – rappresentazione cartografica dei dati etnotoponomastici. *AIWN – Annali del Dipartimento di Storia del Mondo Classico del Mediterraneo Antico. Sezione linguistica*. Napoli. 15, p. 101-110.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1905) – *Religiões da Lusitania*. Lisboa: Imprensa Nacional. 2.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1938) – O Deus lusitano Endovélico. In *Opúsculos*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. 5. p. 197-206. Também publicado em *O Dia*, n.º 846, de 1890.
- WATKINS, T. (1993) – Welsh. In BALL, M. J., ed. – *The Celtic Languages*. London: Routledge.



Fig. 1 – Fragmento da representação escultórica de um togado (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 2 – Fragmento da representação de um togado (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 3 – Fragmento de uma representação de militar (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 4 – Representação de togado (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 5 – Torso nu com talabarte (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 6 – Uma das representações de *Phosphoroi* (MNA). Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 7 – Representação do deus em posição clássica (Policleto) Arquivo Nacional de Fotografia.

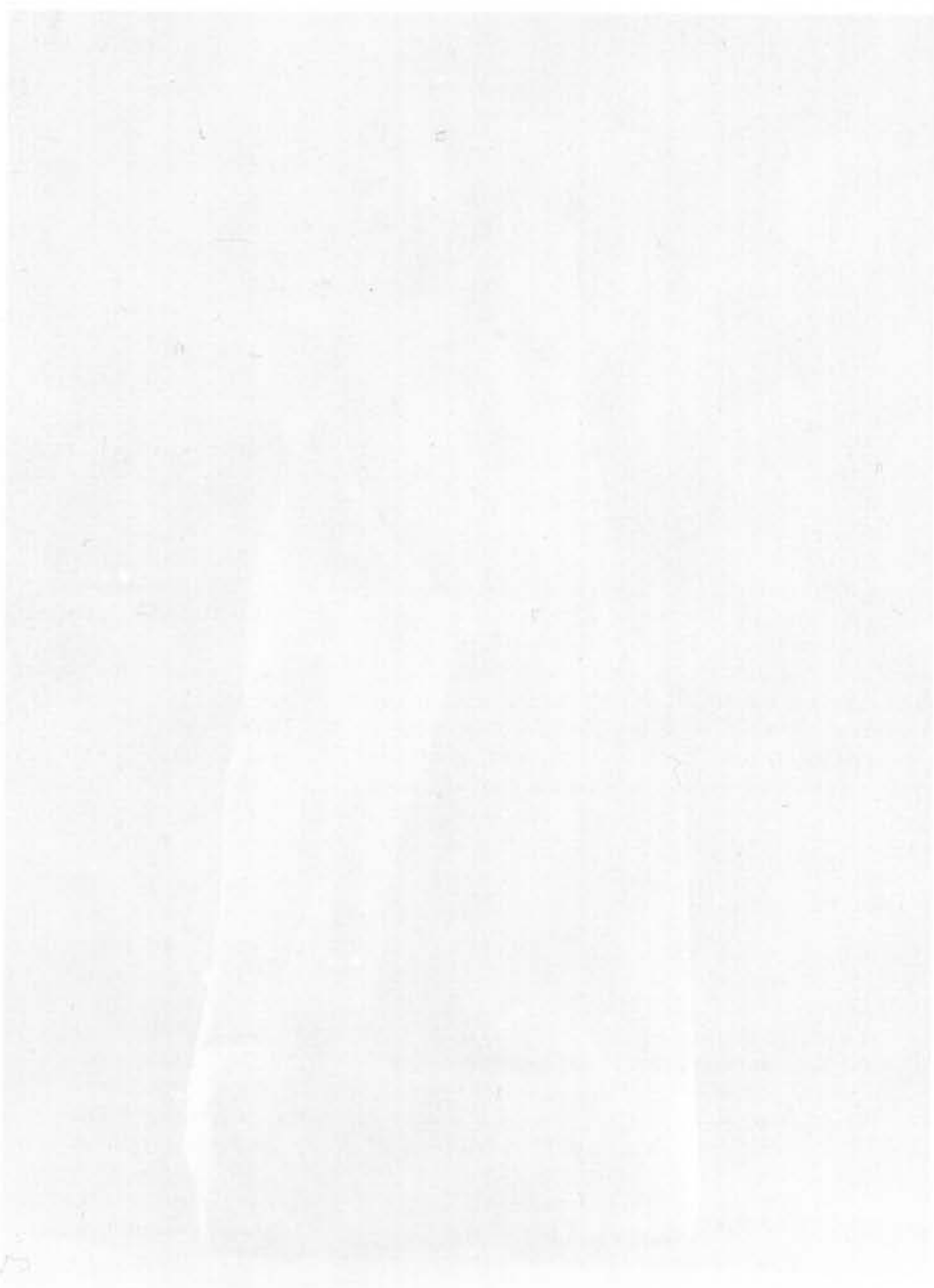


Figure 1. A photograph showing a person standing in a room, possibly a laboratory or office. The person is wearing a light-colored, long-sleeved garment. The image is very faint and low-contrast.